

Modernismo brasileiro 100+1 anos: crítica, heranças, perspectivas (vol. 2)

Este número 36 da revista *outra travessia* corresponde ao segundo volume do dossiê *Modernismo brasileiro 100+1 anos: crítica, heranças, perspectivas*, fruto de um congresso realizado entre os dias 22 e 25 de novembro de 2022 na Universidade Federal de Santa Catarina em homenagem ao centenário da Semana de Arte Moderna de 22, e que fez parte de um conjunto mais amplo de atividades organizadas ao longo de todo o ano de 2022 a partir da colaboração de dez instituições de cinco países em três continentes, a saber: Espanha (Universidad Complutense de Madrid – UCM e a Asociación de Profesores de Lengua Portuguesa en España – APLEPES); Portugal (Universidade Aberta, Universidade Fernando Pessoa e Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias – CLEPUL, da Universidade de Lisboa); Itália (Universidade de Pádua); Brasil (Universidade Estadual Paulista – Unesp, Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR e Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC); e Angola (União dos Escritores Angolanos – UEA).

Ao longo dos meses subsequentes, a revista *outra travessia* recebeu colaboração de seus participantes bem como abriu chamada pública de artigos provocada pelo seguinte manifesto, que foi um modo de dar abrangência,

v i s
d e l
e r
u r a
t r a
v e
i a

crítica e atualidade ao tema central do encontro:

Nós, intelectuais, artistas, pesquisadores, pesquisadoras, professores e professoras, um certo “nós” talvez, pode-se dizer assim, deveríamos tomar que atitude no ano de 2022+1 diante do centenário da Semana de Arte Moderna?

Passar em revisão, observando a partir de ângulos diversos as diferentes nuances do que se encenou no Theatro Municipal (incluindo bastidores, fosso, arredores, salões, vaias)?

Criticar os termos com que foi descrita a Semana, em maiúscula? ou a Arte Moderna? Suficiente moderna? Modernistas? Futuristas? De São Paulo? Regionais? Internacionais? Universais?

Passar em análise e terapia as sucessivas revisões do passado? Década, 20 anos, cinquentenário, 80 anos? Foi gostoso, ficou bonito? Foi aventureiro, aristocrático? Momento crítico ou criador? Influências, anacronismos, decolonialismos?

Relativizar desvairismos, papas, escolas? Nós os passadistas futuristas contemporâneos um tanto fora do lugar de entrelugares?

Analisar identidades, identificações ou constatar as impossibilidades (machismo racismo, homofobia) estruturais?

Questionar o país, em seus eventuais avanços e progressos, pelo que se pretendeu como modernidade, atualidade e universalidade?

Mistificar o sentido do comemorar um centenário que encontra um país de legiões autoritárias na mais triste nação?

Este segundo volume está dividido em duas partes. A primeira delas traz uma homenagem ao Prof. Dr. Antonio Arnoni Prado (1943-2022), autor de obras fundamentais para a compreensão da literatura brasileira do início do século XX e da própria Semana de 22, como *Itinerário de uma falsa*

vanguarda: os dissidentes, a Semana de 22 e o Integralismo (Editora 34, 2010), *Trincheira, Palco e Letras* (Cosac & Naify, 2004), dentre outros. Antonio Arnoni Prado formou-se mestre e doutor pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (USP) e foi professor titular do Departamento de Teoria Literária da Unicamp de 1979 a 2012. A homenagem reúne contribuições de seus ex-alunos Elisa Domingues Coelho, Ana Carolina Nery Albino, Júlio de Souza Valle Neto e Ricardo Gaiotto de Moraes em torno de encontros, livros e memórias.

A segunda parte traz nove artigos. O primeiro deles, intitulado “As Margens da história: 1822, 1922, 2022”, de Carlos Eduardo Schmidt Capela, propõe um estudo das peças *Amor e pátria*, de Joaquim Manuel de Macedo, e *Sangue limpo*, de Paulo Eiró, que encenam e debatem a proclamação da independência, para avaliar posteriormente o olhar de António de Alcântara Machado para o modernismo de 1922.

Em “Miss Ciclone e a Semana de Arte Moderna”, Tereza Virginia de Almeida investiga a obra de Maria de Lourdes Pontes, conhecida como Daisy, jovem que foi amante de Oswald de Andrade e que participou, com o pseudônimo de Miss Ciclone, de um livro a várias mãos, um diário coletivo publicado com o título *O Perfeito cozinheiro das almas deste mundo*, de 1918. Tereza Virginia busca, com isso, compreender o lugar da mulher na sociedade da época, bem como a repercussão desse encontro no próprio pensamento de Oswald.

No artigo “Oswaldo Costa antropófago”, Cláudia Rio Doce percorre a atuação fundamental de Oswaldo Costa na *Revista de Antropofagia*, a quem atribui a insistência de uma releitura contra-colonial da história, comparando-o com Walter Benjamin, e no jornal *Semanário*, onde ressurgiram vários temas e questões caras ao movimento antropófago, tornando-se, com suas palavras, “porta-voz de um movimento nacionalista,

que assume o caráter de libertação política”, até o seu fechamento com o golpe em 1º de abril de 1964. O quarto artigo, intitulado “Um século após, ainda é preciso narrar o espanto: melancolia e interpelação no conto “Dentes negros e cabelos azuis”, de Lima Barreto” de Gabriel Chagas, parte da análise de um conto do autor de *Triste Fim de Policarpo Quaresma* para situar o seu lugar frente ao modernismo de 22. Reúne manifestações do próprio escritor, que viu no futurismo de *Klaxon* “senão brutalidade, grosseria e escatologia”. Segundo o autor, o conto de Lima Barreto abriria “uma fissura no discurso civilizatório da modernidade”, com seus corpos “à margem do progresso”, colocando-se criticamente contra um discurso hegemônico pós-abolição sobre os corpos negros no Brasil.

Em “Obscena Ercília, obscena Cláudia: um centro de consciência em desconformidade com o modernismo?”, Luana Barossi propõe uma leitura de *Virgindade Inútil: novela de uma revoltada*, de Ercília Nogueira Cobra, livro contemporâneo à Semana de 22 e republicado em 2022 pela Editora Carambaia, no qual observa um tratamento estético e um ímpeto de transformação social que passa pela sexualidade feminina e pela liberdade da mulher. Seria ele talvez, com suas palavras, “vanguardista demais até para os parâmetros de seus contemporâneos modernistas”.

No artigo “A Semana de 22 e as escritoras modernistas: o erótico em *Mulher nua*, de Gilka Machado”, Luísa Consentino de Araújo e Aline Venutto se dedicam a observar a participação de autoras na Semana de Arte Moderna de 22, por meio de uma leitura do livro *Mulher nua* de Gilka Machado, atentas ao seu legado crítico e às diversas formas de erotismo que o livro manifesta.

Em “A Bossa Nova e a Música Nova: reflexos do Modernismo brasileiro na obra de Gilberto Mendes”, Rita de Cássia Domingues dos Santos, Rodrigo Vicente Rodrigues e Raphael Fernandes Lopes Farias voltam-se à

leitura da obra do compositor Gilberto Mendes e dos ideais modernistas do Movimento Música Nova por meio da análise de obras que dialogam com a Bossa Nova, como *Diálogo de Ruptura* e *Viva Villa II*, observando por meio delas uma questão recorrente à intelectualidade brasileira: “como criar algo autóctone através de estruturas que tantas vezes nos chegam de fora para dentro?”.

No artigo intitulado “*Urucungo, Batuque e Amazônia: um cotejo entre as poesias de Bruno de Menezes e Raul Bopp*”, Joice Freitas dos Santos e Sylvia Maria Trusen examinam a obra dos dois poetas, observando personagens da negritude, bem como marcas formais de musicalidade. Analisam comparativamente poemas como “Mãe Preta”, dois textos escritos com o mesmo título por ambos, notando-lhes diferenças, mas também, de forma geral, como fizeram com seus livros *Urucungo* e *Batuque* “uma viagem desde a África até as influências mais atuais da negritude no Brasil”.

Por fim, em “Proletários e periféricos: ensaio de interpretação da tradição do romance proletário brasileiro a partir de *Cacau* e *Parque Industrial*”, Ismael Freitas propõe uma resposta ao que viria a ser a tradição do romance proletário no Brasil a partir de dois romances, *Cacau* de Jorge Amado e *Parque Industrial* de Patrícia Galvão, e do panorama de sua recepção crítica, por parte de autores como Murilo Mendes, que em 1933 escreveu uma nota sobre ambos no *Boletim de Ariel*.

Agradecemos novamente a todas as autoras e autores, à equipe editorial e de diagramação, a todos que colaboraram com o congresso e também para que esta outra edição de *outra travessia* viesse a público.

v i s
d e l
e r
u r a
t r a
v e
i a

Boa leitura!

Pablo Simpson, Unesp-São José do Rio Preto
Oswaldo Copertino Duarte, UNIR
Francisco Claudio Alves Marques, Unesp-Assis
Ricardo Gaiotto de Moraes, UFSC
Sandra Teixeira de Faria, Universidad Complutense de Madrid

Submissão: 01/11/2023

Aceite: 02/11/2023

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2023.e98402>

*Esta obra foi licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.*